

O temível Barba Azul

Desde pequenos que ouvimos falar do Barba Azul, que é um dos responsáveis por muitos dos medos que povoam o imaginário infantil. Quem era ele realmente? Porquê o nome de Barba Azul? Por que razão era temido?

Barba Azul é a personagem principal de um famoso conto infantil sobre um nobre violento e sua esposa curiosa. Com o título de "La Barbe-Bleue", foi escrito por Charles Perrault e publicado pela primeira vez no livro que ficou conhecido como *Les Contes de ma Mère l'Oye*, de 1697.

Barba Azul era um rico aristocrata, assustador por ser muito feio, com uma horrível barba azul. Ele já se tinha casado seis vezes, mas ninguém sabia o que tinha acontecido com as esposas, que desapareceram. Certo dia, Barba Azul anuncia que queria casar outra vez, deixando todos apavorados com receio do que poderia acontecer à futura esposa.

Pouco tempo depois de se ter casado, o Barba Azul avisou que iria

viajar por uns tempos, deixando tudo à sua esposa, incluindo a chave de um pequeno quarto onde ele a havia proibido de entrar. Logo que ele se ausentou, a mulher começou a sofrer de grande curiosidade sobre o quarto proibido e, certo dia, entrou nesse quarto e descobriu o segredo do marido. O quarto proibido era, na realidade, o quarto onde Barba Azul tinha morto as ex-esposas e onde as tinha guardado. Apavorada, ela trancou o quarto, mas não viu que o sangue havia sujado a chave.

Mal Barba Azul retornou da sua viagem, percebeu imediatamente o que sua esposa tinha feito. Cego de raiva, ameaçou-a, mas ela conseguiu escapar e trancar-se junto da irmã, na torre mais alta da casa. Quando o marido, armado com uma espada, tentava derrubar a porta, chegaram os dois irmãos das mulheres. Os irmãos mataram o nobre enlouquecido e salvaram as suas parentes.

A mulher do Barba Azul ficou com a fortuna do

marido morto: com parte do dinheiro, ajudou sua irmã a casar com seu amado e a outra parte deu aos seus irmãos. Ela guardou o dinheiro restante, até se casar com um cavaleiro que lhe fez esquecer do suplício que passara.

Muitas pessoas pensam que, apesar de ser classificada como um conto de fadas, esta história seja baseada num nobre bretão do século XV e notório assassino, Gilles de Rais. Outros apontam a sua origem para a obra de São Gildas, que viveu no séculos V-VI. Ele descreveu um nobre, "Conomor, o amaldiçoado", casado com uma mulher aristocrata, Triphine. Ela foi avisada pelos fantasmas das ex-esposas do nobre, assassinadas quando estavam grávidas. Quando também engravidou, foi morta pelo marido, mas



São Gildas milagrosamente ressuscitou-a. Quando ela regressou junto de Conomor, as paredes do castelo ruiam. Conomor é uma figura histórica, que os camponeses locais achavam que era um lobisomem.

De qualquer modo, é consensual que se trata de

uma história demasiado cruel para entreter crianças, embora tenha alguns ingredientes próprios destas histórias: um final feliz, o vilão que é castigado no final, os obstáculos que a mulher venceu para conseguir a felicidade, a torre onde ela se refugiou, o quarto com segredos

que só o dono da casa pode conhecer, a chave que abre a porta e desvenda os segredos se não se conseguir dominar a curiosidade.

A cor da água

Duarte Augusto, 9ªA

Já alguma vez se questionaram por que razão a água nas garrafas é transparente, mas no oceano azul?

A resposta pede ajuda à Física e relaciona-se com a luz e o modo como esta se comporta com o oceano.

Assim, a água, na realidade, pode apresentar vários tons, que dependem das partículas que estão suspensas, da quantidade de luz que incide nesta e da sua profundidade. Além disto, a cor que vemos depende dos comprimentos de onda de luz que são refletidos na água e que são visíveis aos nossos olhos. É aqui que a Física entra.

A cor depende também da composição do material que se encontra na água e assim diversos comprimentos de onda, no caso do mar, próximo ao espectro azul, viajam até ao fundo do mar, enquanto outros comprimentos de onda são absorvidos, inicialmente, e também porque as moléculas da água ajudam a propagar o azul e refletem-nos em diversas direções.

É por estas variadas razões que podemos ver a água dos oceanos azul.

No Castelo do Barba Azul
George Steiner
Relógio d'Água

“Para caracterizar a cultura contemporânea, Steiner escreveu em 1971 um ensaio, que intitulou No Castelo do Barba Azul. Este título tem tanto de sugestivo como de inquietante. Todos nos lembramos do conto tradicional em que um tenebroso senhor, de barba azul, guardava um terrível segredo bem aferroado no quarto do seu castelo. Era nesse verdadeiro quarto dos horrores que escondia os cadáveres esquarterados das sucessivas mulheres com quem se casara, mas que invariavelmente assassinara.

O compositor húngaro Bela Bartok fez deste conto tradicional o libreto de uma das suas óperas. E George Steiner, logo na abertura do seu ensaio sobre a cultura contemporânea, convo-

ca uma personagem de Bartok, querendo com ela precisar todo o sentido da viagem que quer empreender conosco. Escreve então: “Dir-se-ia que estamos, no que se refere a uma teoria da cultura, no mesmo ponto em que a Judite de Bartok quando pede para abrir a última porta para a noite” (Steiner, 1992: 5).

Abrir a última porta para a noite! É isso o que faz Steiner neste seu ensaio, que é uma porta aberta sobre “O grande tédio” (título do primeiro capítulo); sobre “Uma temporada no Inferno” (título do segundo capítulo), sobre a “Pós-cultura” (título do terceiro capítulo). Mas estas “notas para uma redefinição da cultura”, qual última porta aberta para a noite do seu castelo,

não significam qualquer conformismo ou submissão à noite por onde entra. Referindo-se ao “Amanhã”, título do quarto e último capítulo do seu ensaio, George Steiner tem esta palavra de lucidez, ao mesmo tempo trágica e heróica: “Não podemos optar pelos sonhos da ignorância. Abriremos, penso eu, a última porta do castelo embora ela possa levar, ou talvez porque ela pode levar, a realidades que estão para além da capacidade do entendimento e controlo humanos. Fálhe-mos com a lucidez desolada, que a música de Bartok prodigiosamente nos comunica, porque abrir portas é o trágico preço da nossa identidade” (Steiner, 1992: 141).”

Tecnologia e Sonho da Humanidade, interven-



ção de Moisés de Lemos na primeira sessão plenária do VI Encontro da Federação Lusófona de Ciências da Comunicação (LUSOCOM), acolhido pelo III.º Congresso Português da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação

Picasso - fase azul

Joana Alves e Maria Manuel, 9ºB

Estamos rodeados por uma imensidade de cores. Existem as frias, as quentes, as primárias, secundárias e terciárias. Entre as frias encontra-se o azul.

Se há uma arte em que o azul é bastante utilizado é a pintura. Em alguns pintores, o azul parece ocupar um espaço preponderante, como é o caso de Pablo Picasso, tendo uma fase designada de "Fase Azul" (1901-1906).

A Fevereiro de 1901, o seu amigo pintor Carlos Casagemas suicidou-se num café parisiense, por

um amor não correspondido a uma modelo, Germaine. Apenas no verão desse mesmo ano, Picasso começou, através da pintura, a reconciliar-se com a morte do seu amigo desencadeando-se, assim, a "Fase Azul" e criando a sua primeira obra desta época "A Evocação - O Funeral de Casagemas 1901". Para ele, a pintura não era apenas a linguagem em que se exprimia; através dela, ele apreendia, também, o mundo e tentava compreendê-lo: "Comecei a pintar azul quando me apercebi de

que Casagemas tinha morrido." Utilizou esta cor durante quatro anos, tornando-se os quadros de ano para ano mais monótonos.

Só poucos conheciam o espanhol que tinha acabado de completar vinte anos. Ainda vivia, de uma maneira pobre no atelier de mansarda que o seu galerista Mañach lhe tinha arranjado. Fora, anteriormente, o local de trabalho de Casagemas e foi também aqui que foi pintada a tela do seu enterro. Poucas telas resultaram dessa época e Picasso

foi de novo acometido pela sua irrequietude. Essa inquietação levá-lo-ia, mais tarde, a mudar frequentemente de sítio. Finalmente, fixou a sua moradia em Barcelona por um ano, começando o seu trabalho com um novo entusiasmo.

A fase azul começou com o tema morte e terminou com os temas solidão e falta de amor com os quadros



Costa azul

Marta Genésio, 9ºA

A Costa Azul é um destino de sonho onde as belas paisagens, o clima mediterrânico, o cosmopolitismo e o glamour se encontram. As cidades da costa azul são "passerelles" onde desfilam a moda, o cinema, a arte, a cultura.

Debruçada sobre o Mediterrâneo, a Costa Azul oferece praias paradisíacas onde tudo acontece. É também chamada de Riviera Francesa e é considerada uma das áreas mais luxuosas, caras e sofisticadas do mundo.

Tornou-se uma zona da moda entre o fim do século XIX e o começo do XX, particularmente entre as classes altas britânicas. Inicialmente, era uma estância turística de inverno, dado o clima temperado ser comparado

ao do norte e centro da Europa. Todavia, não é, de forma alguma, quente durante este período do ano. Só mais tarde é que se tornou um destino popular também no verão. Algumas das cidades mais importantes da

Costa Azul são Antibes, Brignoles, Saorge Toulon e Villefranche-sur-Mer. A costa azul é considerada uma paisagem paradisíaca e as suas praias são conhecidas pela sua vida noturna e pelas festas. Cada cidade da Costa

Azul apresenta atrações turísticas diferentes, umas distinguem-se pela gastronomia, outras pelos museus que apresentam e outras pelas praias paradisíacas.

Azul da nossa animação

Associamos a cor azul a diversas coisas: o céu, o mar, os olhos e, também, às famosas personagens animadas da nossa televisão como o Pocoyo, os Smurfs, Sulley e o Monstro das Bolachas.

Maria Manuel Gorgueira - 9ºB

Pocoyo é a personagem principal da série de animação homónima anglo-espanhola, criada por David Cantolla, Guillermo Garcia e Luís Gallego, em 3D. O programa gira à volta das aventuras de Pocoyo, um menino de apenas três anos sempre vestido de azul. Ao contrário do que se pensa, o nome "Pocoyo" não é derivado do espanhol "poco yo" (pouco eu). A verdadeira história por trás do nome é contada por um dos seus criadores, David

Cantolla: Quando eu comecei a série minha filha Vega tinha 2 anos. Todas as noites antes de dormir ela rezava uma oração em que dizia "Menino Jesus da minha vida, é uma criança como eu" (em espanhol: "Jesusito de mi vida, tú eres niño como yo"). Como ela ainda não



sabia falar corretamente, em vez de dizer "como yo" no final da oração, ela dizia "poco yo! Os Smurfs ou Os Estrumpfes são personagens

criadas pelo ilustrador belga Peyo. São pequenos seres azuis, que vivem em casinhas em forma de cogumelo, numa aldeia de cogumelos escondida no meio de uma vasta floresta. São governados pelo sábio Grande Smurf. Usa um barrete vermelho, ao contrário do usual barrete



branco dos outros smurfs. Nos arredores da aldeia, vive um feiticeiro e alquimista, Gargamel e seu gato Cruel. Este persegue os smurfs, inicialmente

para os comer, mas, mais tarde, descobriu uma fórmula para obter ouro que tinha como principal ingrediente seis criaturas azuis, mas depois de repetidas falhas, a simples possibilidade de vingança é motivação suficiente. James P. Sullivan, apelidado "Sulley", é o prota-



gonista do filme "Monstros e Companhia". Sulley é um monstro azul alto e peludo com dentes afiados e dois chifres. No filme original é o mais

assustador e popular da Monstros S. A., sendo admirado pelo seu chefe, Waternoose. Apesar de ser um pouco arrogante e desinteressado no que toca aos estudos, consegue ser bondoso, carinhoso e brincalhão. O seu objetivo é seguir as pisadas do seu pai, Bill Sullivan,



e tornar-se um lendário monstro assustador. O Monstro das Bolachas é uma das personagens principais da tão conhecida série Rua de Sésamo. É

uma criatura azul, muito peluda, gentil e amigável. Anda sempre à procura de alguma coisa para comer, mas o seu alimento de eleição são as suas amadas bolachas de chocolate com pepitas também de chocolate. Além disto também costuma comer letras em forma de brinquedo, com o objectivo de ensinar às crianças, de uma forma divertida, o alfabeto. Assim, ainda que não reparamos, o azul entra nas nossas vidas frequentemente, algumas das vezes na forma de divertidos bonecos animados.

Azibo praia com Bandeira Azul

A Bandeira Azul é um símbolo de qualidade ambiental atribuído anualmente a praias, portos de recreio e marinas que se candidatam e que cumprem um conjunto de critérios: Informação e educação ambiental; qualidade da água; gestão ambiental e equipamentos e segurança e serviços.

Nasceu em 1987, no Ano Europeu do Ambiente com o apoio da União Europeia. Desde então, o número de praias galardoadas tem aumentado de ano para ano, deixando de ser apenas de âmbito europeu e passando a ser global,

contando com países como África do Sul, Canadá e Nova Zelândia.

Exemplo disso é a barragem do Azibo, um dos locais turísticos mais procurados no Nordeste Transmontano. Conta com duas praias com bandeira azul, uma delas premiada consecutivamente desde 2003, é a que mais bandeiras azuis arrecadou em Portugal e na Europa.

Construída em Macedo de Cavaleiros, no distrito de Bragança, a barragem foi pensada para acabar com as carências de água do conselho macedense e para servir a agricultura, através da

rega por gravidade.

Quando as obras ficaram concluídas, em 1982, previa-se que demorasse cerca de um ano a encher por completo, mas as chuvas fortes que assombraram a região, fizeram com que em menos de três meses a barragem ficasse rapidamente inundada. Rapidamente as populações locais começaram a acorrer ao local, atraídas pelo enorme espelho de água.

Mais tarde, com a criação das praias fluviais, a construção dos acessos, de um cais de embarcação e de um parque de merendas, a Albufeira tornou-se um sítio verda-

Maria Manuel Gorgueira 9ºB

deiramente atrativo e que convida ao descanso.

No coração de Trás-os-Montes encontra-se o paraíso, um mar interior, um manto de águas cristalinas, uma praia fluvial com bandeira azul. Lazer, sossego e paz. Um sítio ideal para relaxar e desfrutar de um belo momento em família.

Amor azul

O filme “Lagoa Azul” de Richard Kleiser, fala de duas crianças, Emmeline e Richar, e de Paddy, um velho marinheiro, que sobrevivem a um naufrágio, indo parar a uma ilha paradisíaca no sul do Pacífico.

Após algum tempo Paddy morre ficando as duas crianças sozinhas e desprotegidas na ilha. E a partir daí este filme apresenta-nos o percurso das duas crianças, que lutam pela sua sobrevivência, sem orientação

de adultos, bem como o seu desenvolvimento, o período das descobertas.

Ambos aprendem a viver sozinhos e a lidar com as mudanças físicas que surgem com a adolescência. À medida que se tornam mais velhos as afeições que tinham estabelecido em crianças transformam-se num amor sensível e profundo.

Os dias na ilha tornam-se anos e Emmeline e Richard transformam a ilha na sua casa, rodeados

por criaturas exóticas e beleza natural. Emmeline fica grávida e ela e Richard iniciam um novo período de descoberta: aos poucos a barriga a crescer, o nascimento da criança, a amamentação, tudo é uma descoberta!

Ao longo do filme, surgem-nos muitas questões: “Como é que duas crianças vão sobreviver ao vazio do Pacífico?” e “Mas eles vão voltar a ver a civilização de novo?”. “Lagoa Azul” faz-nos refletir sobre assuntos da

nossa vida e, ao mesmo tempo, diverte-nos com as peripécias por que os dois jovens têm que passar. Um filme que mostra de uma maneira bonita e simples o que o período da adolescência traz, as mudanças que faz, o quão importante é a comunidade e a falta que a vida social faz.

Lápis Lazúli

A valiosa Lápis lazúli é uma rocha metamórfica de cor azul, muito utilizada para jóias, caixas, mosaicos, ornamentos, candelas e vasos, que devido às suas cores foi bastante apreciada pelos faraós egípcios para amuletos e ornamentos e ainda hoje é bastante popular.

Na arquitectura, pode-se encontrar nas paredes de igrejas e palácios. Ela pode ser encontrada no Paquistão, mas onde existe com maior valor é no

Afganistão.

Esta pedra é de cor azul mesclado com branco da calcita e grãos dourados da pirita, compacto e maciço de transparência opaca, tem de densidade de 2.7 a 3.0 gramas por centímetro cúbico.

Esta rocha é considerada a pedra oficial do Chile, e para além de ser utilizada pela personagem Dra. Elizabeth Sinskey no livro “O Inferno” de Dan Brown, é também usado como o anel que protege

Damon e Stefan Salvatore da série vampiresca de

terror e romance de The Vampire Diaries.



Margarida Praça, 9ºA

Tubarão azul

O Prionace glauca, mais conhecido por tubarão-azul é da família Carcharhinidae e pode ser encontrado em águas profundas, a 150 metros de profundidade, em águas temperadas e tropicais.

É conhecido pela sua capacidade migratória e, sendo um tubarão oceânico, é oportunista, aproveitando-se por vezes de detritos que são deixados pelos pescadores dos navios.

Tem o hábito de se juntar e as presas são lulas, caranguejos, peixes e aves marinhas.

Podem chegar a 4 metros e 240 quilogramas, mas normalmente não passam dos 2,5 e dos 70, respetivamente.

São caracterizados pelo seu corpo esguio e focinho longo e pontudo. Os dentes, usualmente, são triangulares, pontudos e serrilhados e curvados na mandíbula superior.

São azuis-escuros no dorso e azul mais claro nos flancos e totalmente brancos nos ventres. As barbatanas são mais escuras.

É ouro sobre azul

Maria Manuel Gorgueira 9ºB

Muitas vezes usamos certas expressões, mas não temos ideia do que elas significam.

São ditados ou termos populares que através dos anos permaneceram sempre iguais, significando exemplos morais, filosóficos e religiosos.

Historiadores e escritores sempre tentaram descobrir a origem dessa riqueza cultural, que constituem uma parte importante da nossa sociedade. Mas essa tarefa nunca foi nada fácil.

Em Portugal existe uma infinidade de provérbios

populares que são utilizados no dia a dia, e É Ouro sobre azul é um dos mais conhecidos e utilizados. É uma expressão antiga que começou por ser utilizada nas espingardarias.

Deve-se ao facto das armas apresentarem uma tonalidade azul resultante do aço temperado e das inscrições a ouro colocadas sobre as mesmas.

Hoje em dia é uma expressão que é utilizada para nos referirmos a algo que corre bem, seja no trabalho ou na vida pessoal.

Danúbio azul

Margarida Praça, 9ºA

Danúbio azul é o nome dado para designar uma valsa composta por Johann Strauss II que estreou no Wiener Männergesangsverein a 13 de fevereiro de 1867, e que teve como inspiração o famoso rio Danúbio, o segundo maior rio da Europa, que mede entre

2 845 e 2 888 quilómetros e possui a sua nascente na Floresta Negra, em Alemanha, e foz no Mar Negro, na Roménia.

Muitos consideram a famosa valsa, que tem como objectivo exaltar o tão famoso rio Danúbio, como o hino da Áustria.

Arara azul

A arara azul é da família Psittacidae que pode ser encontrada na Floresta Amazónica e que se encontra-se agora em vias de extinção.

Possui uma plumagem azul, um bico grande, preto e com uma linha amarela e a sua alimentação consiste em sementes de palmeiras de cocos.

A Arara azul vive sobretudo

em áreas fracamente arborizadas, em pares ou bandos. O seu comprimento pode ir até 100 centímetros.

Lápis azul o risco da ditadura

O lápis azul é um símbolo e, ao mesmo tempo, um instrumento de censura da época da ditadura portuguesa do século XX.

Guilherme Moreira, 9ªA

Os censores do Estado Novo usavam um lápis de cor azul para eliminar textos ou imagens de obras ou meios de comunicação escrita. Estes eram submetidos a uma revisão pelos censores antes de serem publicados com a finalidade de evitar a divulgação de mensagens que prejudicassem a ideologia que o poder defendia e, desse modo, proteger a ditadura. Ao mesmo tempo, no caso dos jornais, os cortes das notícias censuradas não podiam ficar em branco e eram substituídos por outro material, frequentemente em cima do limite para a impressão.

Entre o Golpe Militar de 28 de maio de 1926 e durante aos regimes de Oliveira de Salazar e Marcello Caetano, o lápis azul serviu para os censores decidirem o que devia ser publicado ou noticiado. A 22 de junho de 1926 foi criada a Comissão da Censura, sendo que a partir dessa data, os jornais eram obrigados a enviar quatro provas de página e a não deixarem em branco os espaços censurados. Em 1933, a Constituição Portuguesa instituiu legalmente a Censura, que permanece até à Revolução dos Cravos, a 25 de abril de 1974.

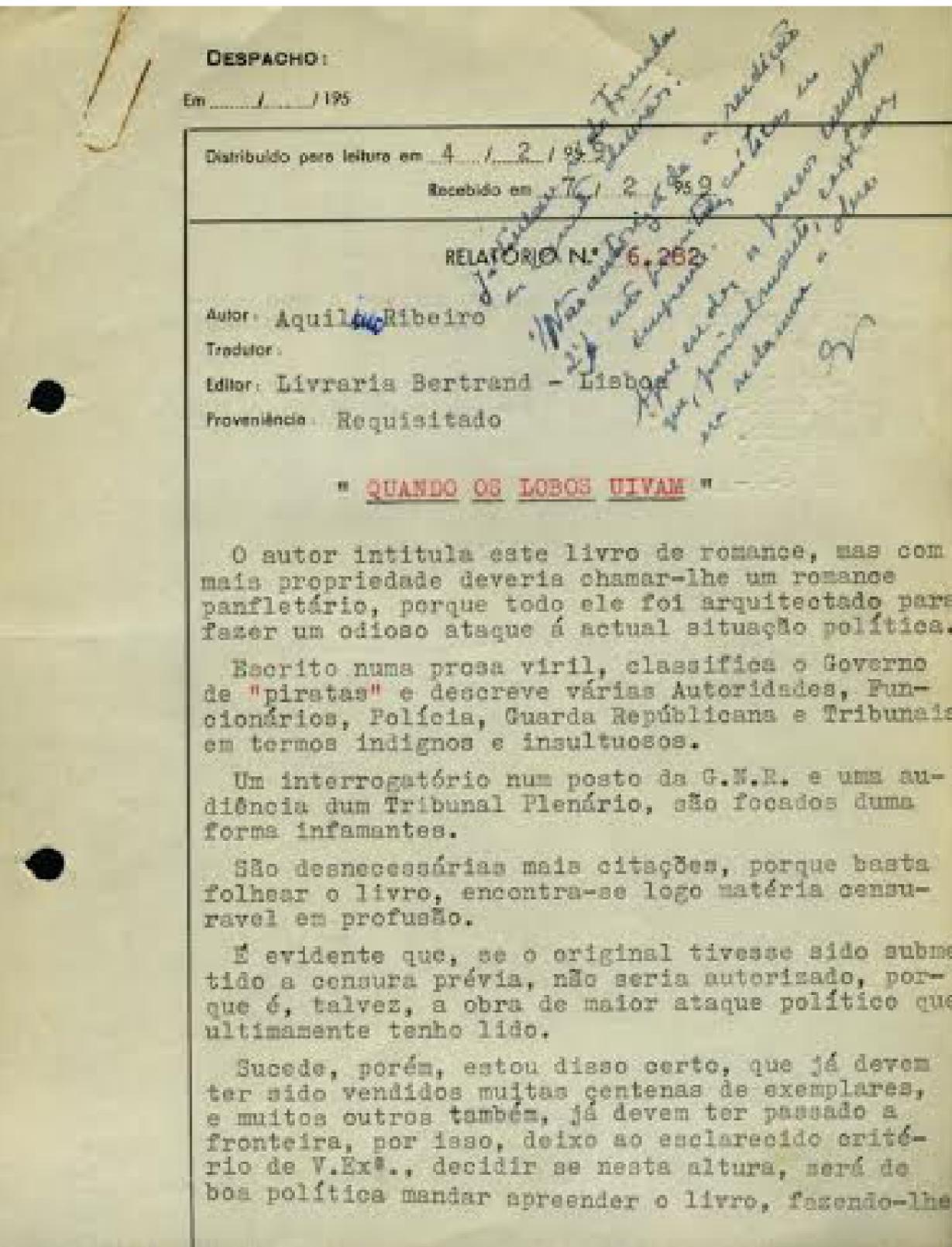
Até setembro de 1968, no governo de Salazar, a comissão responsável pela censura é designada por "Comissão da Censura". Só durante o governo de Marcello Caetano é que esta passa a chamar-se "Comissão do Exame Prévio" mudando apenas o nome, já que os princípios e objetivos se mantêm.

Durante esta época os mais afetados eram os jornalistas, pois tinham

medo de abordar certos temas ou completar determinadas ideias daí haver uma incerteza e pressão, pois estes não queriam ver as suas obras apreendidas e muito menos atrasar a publicação do jornal. O maior problema da censura era quando os cortes incidiam sobre a primeira página, deixar espaços em branco não era uma opção pois a lei proibía o mesmo, sendo que os editores eram obrigados a preenchê-los. Por vezes faziam-no com textos já publicados, outras com anúncios que indicavam os cortes de forma indirecta. Os jornalistas tinham, então, um duplo trabalho, procurar esclarecer os leitores com o maior rigor possível sem ferir os princípios ditatoriais. As próprias vinhetas com cartoons, com grande potencialidade expressiva, eram alvo de censura, conseguindo os censores descortinar mensagens subversivas nas mais inocentes imagens e frases

Os escritores também estavam sujeitos a esta revisão. Ferreira de Castro escreveu, em 1945 que "Cada um de nós coloca, ao escrever, um censor imaginário sobre a mesa de trabalho". Por isso, muitas vezes recorriam a termos metafóricos. Por exemplo, em vez de escreverem Primavera, em vez de Polícia escreviam Vampiro, tudo isto tornava textos de prosa em obras que recordavam algumas obras poéticas.

Um poema de David Mourão Ferreira, celebrado por Amália Rodrigues como "Fado de Peniche" termina com "Ao menos ouves o vento! / Ao menos ouves o mar", sendo todo o poema uma referência ao sofrimento dos presos políticos no forte de Peniche à beira-mar. Por outro lado, isto tudo causava uma certa obsessão em tentar compreender todos os signifi-



ficados de uma obra, por vezes atribuindo significados que não existiam.

Autores como Soeiro Pereira Gomes, Aquilino Ribeiro, José Régio entre muitos outros, viram as suas obras censuradas. No caso de Aquilino Ribeiro viu apreendido o seu livro "Quando os lobos uivam" em 1958. O regime considerava o livro injurioso para o Estado português.

Por fim, a censura não se aplicava apenas a jornais e livros, sendo que filmes e peças de teatro eram também censuradas, primeiro com um lápis

azul já que os textos eram submetidos a essa comissão, e depois durante os ensaios, pois era frequente a presença de censores para regular o cenário, o guarda roupa, a música, a mensagem. Tentavam, assim, dificultar a transmissão de determinadas ideias. A Lei 2027 de 1948, quando António Ferro dirigia o Secretariado Nacional, proibía a dobragem de filmes estrangeiros "não é permitida a exibição de filmes de fundo estrangeiros dobrados em língua portuguesa nem a importação de fil-

mes de fundo estrangeiros falados em língua portuguesa, excepto os realizados no Brasil", porque as legendas eram facilmente adulteradas, ficando certas partes de filmes sem tradução ou proposadamente mal traduzidas para não apresentar determinados assuntos. No entanto, não foi tão grave como em Espanha, onde dobravam os filmes e colocavam na boca dos atores as palavras que os censores entendiam.